

Presença mágica, representação mimética e simulação técnica: ressignificações no cenário imagético-evangélico brasileiro a partir do pensamento de Christoph Wulf¹

João Marcos da SILVA²

RESUMO

O presente artigo pretende analisar pelo viés da cultura visual, tendo como base os conceitos teóricos de Christoph Wulf, as interseções e possíveis convergências entre a cultura imagética *gospel*, o entretenimento e os shows denominados de adoração promovidos por este segmento. Em sua obra *Homo Pictor - Imaginação, ritual e aprendizado mimético no mundo globalizado*, Christoph Wulf contribui, juntamente com outros teóricos, para analisar a produção da imagem *gospel* como *presença mágica, representação mimética e simulação técnica* permitindo-nos um olhar mais aproximado para entender e compreender as dinâmicas e os movimentos que acontecem para a formação imagética e os aspectos que alimentam o imaginário construído neste cenário.

Palavras-chave: Cultura Visual; Entretenimento; Cultura *Gospel*; Consumo.

INTRODUÇÃO

Imagens e imaginários permeiam o cotidiano o tempo todo, produzindo mundos por intermédio da construção e retroalimentação de imagens e da imaginação. Desde as últimas duas décadas, uma virada pictórica (WULF, 2013, p. 21) tem remodelado e reformulado o campo das ciências humanas e particularmente o da cultura visual, demonstrando a importância e a necessidade de um olhar mais aproximado sobre a imagem e suas formas de manifestações, como também uma compreensão mais aprofundada sobre a construção dos imaginários dentro da cultura, sociedade e particularmente da religião que é o escopo neste artigo.

Atualmente, o cenário imagético-evangélico brasileiro vem passando por transformações significativas no âmbito de seus paradigmas de produção e consumo de imagens. Com o desenvolvimento das novas tecnologias de produção imagética como câmeras digitais, celulares e filmadoras, aliada à velocidade das novas mídias no mundo virtual este cenário tem crescido significativamente e a cada instante novas configurações

¹ Trabalho apresentado na XI Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial (Eclesiocom), realizada em Engenheiro Coelho, SP, 18/8/2016.

² Teólogo, Mestre em Ciências Sociais e Religião, Doutorando pela Universidade Metodista de São Paulo, área de concentração: Religião, Sociedade e Cultura na linha de pesquisa Religião e dinâmicas socioculturais. E-mail: jmdidio@gmail.com. lattes.cnpq.br/9565181505874923

surgem neste contexto ampliando e remodelando tanto a produção como a reprodução, divulgação e “devoração dessas imagens” segundo o conceito de iconofagia (BAITELLO, 2005).

Com a facilidade de acesso dos recursos digitais e da internet a imagem evangélica tem se propagado de uma forma como não havia sido antes. Muitas imagens são geradas e reproduzidas constantemente na web por intermédio de websites, blogs e redes sociais como *Facebook, Instagram, Twitter e Youtube*.

Christoph Wulf, em sua obra *Homo Pictor - Imaginação, ritual e aprendizado mimético no mundo globalizado*, apresenta-nos um instrumental teórico-metodológico importante para a análise desse campo imagético-evangélico e seus movimentos de resignificação diante do contexto cultural, social, religioso e tecnológico na contemporaneidade brasileira. Seu primeiro capítulo servirá de base para esta abordagem e discussão sobre os shows de adoração evangélica a partir de três dimensões que nos ajudarão a compreender o fenômeno: a imagem como *presença mágica*, como *representação mimética* e como *simulação técnica*. (WULF, 2013, p. 28)

Quando se pesquisa os elementos imagético-evangélicos depara-se inicialmente com uma diversidade de influências estéticas provenientes do modelo imagético e midiático secular em que está inserido este cenário. Os elementos visuais e perpassam por uma grande diversidade temática como: música *gospel* e seus shows, literatura, moda, cosmética, beleza, gastronomia, turismo, entre tantos outros que surgem diariamente, corroborando para uma maior amplitude e alcance junto ao público evangélico.

Nossa observação parte da década de 1990, período denominado por Magali Cunha como “explosão *gospel*”, que desencadeou uma visibilidade maior dos evangélicos em função do desenvolvimento e aperfeiçoamento de sua produção musical, utilizando-se de novas mídias como o CD e o DVD, atrelando isso a imagem, portanto, o recrudescimento dos aspectos imagéticos e o surgimento de novos imaginários, inspirados no modelo da música *gospel* estadunidense o que até então, eram representados pelos *Long-Plays* (LP),

mídias impressas como livros, jornais, revistas além de programas de rádio e televisão. (CUNHA, 2007).

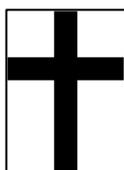
Com esse pano de fundo, perceberemos nessas interações entre mídia e religião uma mútua contaminação dos imaginários religiosos e dos imaginários midiáticos, perpassando pelo sistema de consumo de produtos, logo, imagem e entretenimento, difundido, em grande escala, proporcionado pela divulgação via web. Assim, delimitaremos a discussão nas imagens fotográficas produzidas e distribuídas *online*, apresentando as dinâmicas de entretenimento cristão que são incorporados dentro de shows intitulados de adoração.

1. Imagem evangélica como presença mágica

O primeiro conceito dessa tríade de Wulf é o da presença mágica, definido por uma imagem que produz uma presença através de sua representação. A visualização desta imagem permite ao indivíduo que a visualiza uma interação e identificação proporcionando um sentido de presença do objeto ou ser representado. (WULF, 2013, p. 29)

Uma das mais clássicas imagens no campo religioso evangélico é a cruz³, símbolo da cristandade. Este símbolo, no caminhar histórico, passou, e passa continuamente, por diversas modificações e incorporações realizadas por artistas⁴ religiosos e seculares, como também pelas próprias instituições religiosas cristãs. Neste caso, especificamente pelo segmento evangélico, por meio de seus logotipos institucionais, conforme as figuras 1 e 2.

Figura 1 Cruz



Fonte: (Wikipédia, 2016)

Figura 2 Igreja Metodista Wesleyana



Fonte: (Igreja Wesleyana, 2016)

³ A imagem da cruz cristã é encontrada em diversas formas, formatos e nomes. A cruz vazia é o formato mais conhecido utilizado pelos evangélicos, representa a ressurreição de Cristo, não aceitando qualquer representação imagética do corpo de Cristo por associarem à idolatria e ao Catolicismo Apostólico Romano.

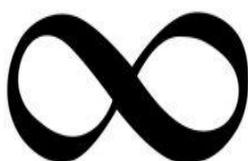
⁴ Refere-se a pessoas que trabalham com imagens nas mais diversas áreas como: pintura, escultura, design gráfico e editores de imagens.

Neste sentido, as duas imagens asseguram a presença do divino nos contextos onde estão representadas, atrelando a elas seu significado simbólico, além do poder que lhes é atribuído de se fazer através da presença de uma ausência.

Atualmente, cabe destacar que há outras imagens religiosas disputando e remodelando essa presença mágica. É o caso das imagens produzidas pelos artistas *gospel*. Estas imagens fazem parte de uma mudança paradigmática impulsionada pela incorporação de elementos da estética e do mercado secular em suas produções visando o desenvolvimento do mercado evangélico.

Ao inserirem seus artigos neste mercado, proporcionam um produto com ressignificações específicas para este público. Ao observarmos a figura 3, vemos a representação imagética do infinito, um símbolo antigo utilizado pelos filósofos gregos e matemáticos, incorporado na capa do CD da cantora *gospel* Fernanda Brum (Fig.5) e ressignificado como ligação com a eternidade, descrita pelos cristãos como lugar e morada daqueles que creem no Cristo. Com o processo de sacralização dessas imagens e seus símbolos, o consumo de produtos já “consagrados” no mercado secular (Fig. 4) tornam-se, presenças mágicas por meio da identificação com estes símbolos e seus imaginários.

Figura 3 Símbolo Infinito



Fonte: (INFINITO, 2016)

Figura 4 Jóia Infinito



Fonte: (JÓIA, 2016)

Figura 5 Fernanda Brum
cd Da Eternidade



Fonte: (BRUM, 2016)

1.1 Ser ídolo ou não ser? Eis a questão!

Outra forma muito difundida no uso da imagem dos artistas *gospel*, e que também possui uma presença mágica, são as apresentações ao vivo denominadas de adoração. Expressões cúlticas-corporais oriundas dos cultos nos templos evangélicos, são práticas caracterizadas com o levantar das mãos tendo como significado no imaginário evangélico a

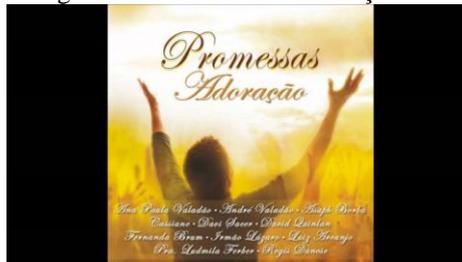
devoção, entrega e adoração a Deus. Atualmente, esta representação imagética tornou-se um símbolo evangélico quando se referem à adoração⁵, como se pode ver na figura 6 onde a cantora Aline Barros reproduz o gesto em um dos seus shows e na figura 7, capa de uma coletânea musical composta de vários artistas deste segmento.

Figura 6 Aline Barros



Fonte: (Comunhão, 2016)

Figura 7 CD Promessas Adoração



Fonte: (Gospel Goods, 2016)

Os artistas hoje trazem, através de sua representação imagética, uma presença mágica de representação divina. Nestes shows, há um distanciamento do artista em relação ao seu público para que haja uma sustentação da imagem de ídolo que permanece inacessível.

A relação “existencial” do espectador com a imagem tem pois uma espacialidade referente à estrutura espacial em geral; tem além disso uma temporalidade referente aos acontecimentos representados e à estrutura temporal que deles decorre. Essas relações com as estruturas qualificam o que se chama de certa **distância psíquica**. (AUMONT, 2002, p. 108)

Para Alberto Klein, há um ressurgimento iconográfico, "A ostensividade dos antigos ícones religiosos ressurge nos espetáculos religiosos contemporâneos" (KLEIN, 2006, p. 197). Entretanto, esse ressurgimento não aconteceu repentinamente no mercado evangélico. Houve um processo de construção iconográfica de seus artistas, deslocando inicialmente sua imagem do meio de seus grupos, banda e ministérios de louvor e adoração, colocando-os gradativamente em destaque proporcionando no contexto mercadológico uma ascensão à fama, ao sucesso e conseqüentemente à construção de um ídolo.

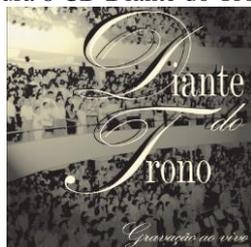
⁵ Retomaremos a este assunto no item 2 que tratará sobre a imagem evangélica como representação mimética.

Nas figuras 8, 9 e 10 é possível perceber uma significativa mudança paradigmática da imagem da líder do ministério de louvor Diante do Trono, a cantora e pastora, Ana Paula Valadão. O CD Diante do Trono de 1998 é o primeiro do ministério e visualmente observamos na foto de capa um grupo de pessoas reunidas em duas galerias, dentro do templo da Igreja Batista da Lagoinha na cidade de Belo Horizonte - MG, comunidade a qual pertence este ministério.

A partir do CD Diante do Trono 10, do ano de 2007, acontece a primeira mudança da imagem da líder do ministério, Ana Paula Valadão ganha projeção e é colocada no meio da foto e em destaque estando um pouco mais a frente em relação às demais cantoras, cantores e músicos do grupo, demonstrando a proeminência que ela havia conquistado ao longo dos 10 anos do grupo.

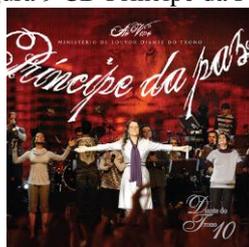
Em seguida, no mesmo ano no CD Tempo de Festa, acontece a segunda mudança paradigmática com o desaparecimento dos demais integrantes do ministério para uma exclusiva imagem da Ana Paula em close fotográfico.

Figura 8 CD Diante do Trono



Fonte: (Diante do Trono, 1998)

Figura 9 CD Príncipe da Paz



Fonte: (Príncipe da Paz, 2007)

Figura 10 CD Tempo de Festa



Fonte: (Tempo de Festa, 2007)

Com essa construção imagética percebemos a progressão da imagem da líder num processo de iconização, transformando sua imagem não somente num ícone religioso, mas também numa marca de mercado.

Por outro lado, essa iconização religioso-mercadológica tem gerado controvérsias e críticas dentro do próprio segmento evangélico. Muitos cantores, cantoras, líderes, pastoras e pastores que estão na mídia têm suas imagens iconizadas, passando a serem ovacionados nos shows, tendo fãs-clubes, sendo assediadas e assediadas pelos fãs em espetáculos, exposições, feiras, e até mesmo nos espaços sagrados dos templos ou nas ruas gerando

com essas atitudes uma polarização sobre os exageros no uso e na comercialização de suas imagens pelos evangélicos e na relação com o conceito de idolatria propagado pela doutrina cristã.

Figura 11 Ídolos *Gospel*



Fonte: (Cultura Mix, 2016)

Figura 12 Não ser ídolo *Gospel*



Fonte: (Gospel Pop, 2016)

As figuras 11 e 12 foram extraídas de dois sites: o primeiro (Figura 11) - Cultura Mix - um site secular que trata de temas variados, contendo uma seção de estilos musicais onde o *gospel* está incluso, apresentando a questão estética e mercadológica como um ponto positivo para o segmento evangélico, "Estas músicas são escritas e executadas por muitos motivos, que vão desde o prazer estético, com um motivo mais religioso e também cerimonial ou mesmo como um produto de entretenimento para o mercado comercial. Apesar disso um tema de música gospel é a louvor, a adoração e a graça a Deus, Cristo ou o Espírito Santo." (Cultura Mix, 2016). O segundo site (Figura 12) - *Gospel Pop* - é um site evangélico que se posiciona de forma crítica à questão da exposição imagética dos cantores e cantoras gospel, apresentando sua preocupação com os processos de iconização e veneração destes artistas.

Estes admiradores passaram a ver seus "admirados" (argh! O termo aplicável é "Ídolos") como um ser supremo, perfeito e intocável e aí (sic) de quem diga o contrário! Se um veículo publicar algo que de alguma forma vá contra os interesses da "fanzaiada", prepare-se para as pedras. Há uma ditadura do fale bem, ou fica calado que é melhor. (Gospel Pop, 2016)

Desta forma, estas presenças mágicas têm o poder de, através da representação e do uso de sua imagem, "sacralizar" os locais onde são produzidos tais shows, gerando nos espectadores um sentimento de veneração. Estes desdobramentos de presença mágica no segmento evangélico têm alcançado um número significativo de representações

envolvendo não somente a área musical, mas em diversos produtos confeccionados para evangélicos que passam por esse processo de sacralização. Com isso, uma quantidade imensurável de imagens transitam dentro e fora da web na contemporaneidade, modificando este campo e apresentando novas ressignificações a partir das mutações imagéticas seculares.

[Esse] poder decorre da capacidade de processamento da presença de um ser distante e efêmero, para emprestar a sua presença bem como para tomar inteiramente o espaço da percepção e atenção humanas. A imagem tira a sua força da assimilação e cria uma semelhança com o representado. (BOEHM, 1994, p. 330 apud WULF, 2013, p. 29)

Com esse deslocamento dos símbolos divinos em detrimento da imagem humana, novas configurações estão surgindo, possibilitando um avanço do mercado evangélico e ao mesmo tempo proporcionando uma inserção maior no mercado secular.

2. Imagem evangélica como representação mimética

A produção mimética é uma das capacidades antropológicas fundamentais da representação. Essa intersecção com o imaginário secular, possui elementos oriundos da Grécia antiga como o conceito de *Mimésis*. Surgido na Sicília, lar da mímica, compreende-se pela imitação com a atitude motivada para assemelhar-se ao objeto a ser imitado.

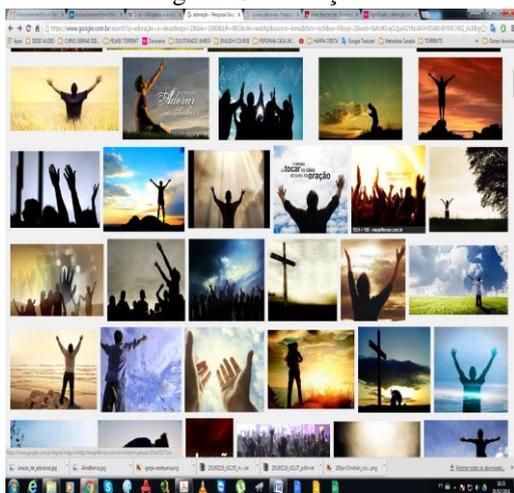
Este conceito perpassa as produções evangélicas onde em grande parte das imagens os processos artísticos têm mimetizado referências do mercado secular para que através disso, alcance o objetivo que não é a semelhança, mas a *aparência do aparecimento*. (WULF, 2013, p. 31), associando dentro do imaginário do consumidor evangélico a referência com o mercado secular e com os modelos de sucesso mercadológico.

A utilização destes recursos na produção de imagens segue em direção ao objeto desejante, que Wulf concorda com René Girard nesse sentido onde afirma que o "desejo mimético é gerador de atitudes e padrões criando competição e rivalidade entre os imitadores e os imitados, o sujeito deseja por que o próprio rival o deseja" (GIRARD, 1990, p. 180). Com isso, a *mimésis* busca por semelhança na essência do que se imitam

acompanhado de modificações, omissões, alterações e adaptações ocasionando uma lembrança parcialmente realizada, sem distanciar-se da imagem do próprio ser humano.

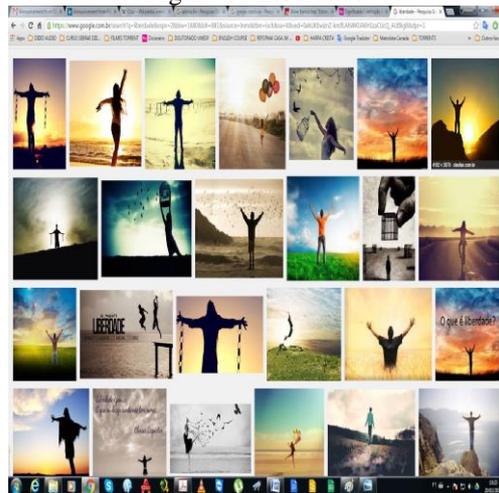
Retomando a questão do significado simbólico da adoração, realizando uma pesquisa rápida no *Google* é fácil encontrar uma infinidade de imagens relacionadas à adoração (Figura. 13), contudo há uma referência secular (Figura 14) em relação ao imaginário construído sobre isso. Das vinte e três imagens que surgem na busca somente três imagens possuem elementos que associem a uma imagem pertencente aos símbolos cristãos: duas com uma cruz e uma imagem com uma Bíblia.

Figura 13 Adoração



Fonte: (Adoração, 2016)

Figura 14 Liberdade



Fonte: (Liberdade, 2016)

Outro elemento interessante é a representação mimética que acontece com o sentido atribuído à adoração evangélica. Na observação das imagens e dos locais onde elas estão localizadas, há um mimetismo associado às figuras de liberdade e adoração. As referências imagéticas de liberdade foram mimetizadas pelos evangélicos e ressignificadas para adoração. Este processo reflete o discurso evangélico dos movimentos neopentecostais ao considerarem suas práticas litúrgicas e expressões corporais durante os cultos mais “livres e espontâneos” em relação às denominações consideradas por eles mais “tradicionais”.

Cabe ressaltar que os problemas com a corporeidade nas igrejas protestantes, aliado ao crescimento dos movimentos neopentecostais influenciados pela cultura estadunidense, proporcionaram um desempenho das expressões corporais nestes cultos, reuniões e shows

evangélicos. Portanto, suspeita-se que essa imagem de liberdade, passa a ser uma reivindicação dos movimentos neopentecostais, representando através das imagens uma mensagem de afirmação de sua liberdade ao levantar as mãos, pular, saltar e gritar em seus encontros religiosos.

Por outro lado, há uma busca mimética por igualdade às expressões dos shows, espetáculos e apresentações seculares com uma roupagem evangélica, sacralizando essas imagens dentro do contexto evangélico e proporcionando estes eventos-shows como um espaço de entretenimento e consumo como parte da religião. Desta forma, o uso das imagens religiosas funciona não somente como um objeto estético agregador, mas também atua como mecanismo que exprime sentido nestas “tribos”, como nos indica Maffesoli:

A vida enquanto obra não é mais assunto de alguns. Ela se tornou um processo de massa. A estética à qual isto nos remete, não mais pode resumir-se numa questão de gosto (bom ou mau gosto estético) ou de conteúdo (o objeto estético). É a *forma estética pura* que nos interessa: como se vive e como se exprime a sensação coletiva. (MAFFESOLI, 1998, p. 121)

Com a busca pela midiatização e divulgação de seus materiais, o imaginário evangélico anteriormente representado pela vida distante dos costumes, assim chamados “mundanos” como lazer, cinemas, teatros, espetáculos musicais passam por uma relativização em detrimento do imaginário do mercado. Aquilo que era desprezado pelos evangélicos dos anos 50 e 60 passa a ser ressignificado e incorporado em seu imaginário. (CUNHA, 2007)

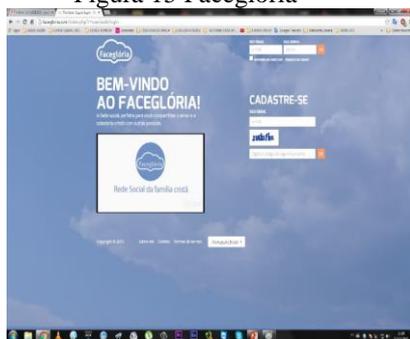
3. Imagem como simulação técnica

O terceiro aspecto da contribuição de Wulf mostra-nos que hoje na sociedade tudo é transformado em imagem: corpos transformados, imagens transformadas em outras imagens. Há uma crise da imaginação que é reprimida em virtude da alta produção e disseminação de imagens. De acordo com Wulf e Baitello Junior percebemos que há uma devoração de imagens juntamente com a voracidade por imagens e a gula das próprias imagens, como afirma: “As imagens que povoam nossos meios imagéticos se constituem,

em grande parte, de ecos, repetições e reproduções de outras imagens, a partir do consumo das imagens presentes no grande repositório.” (BAITELLO, 2005, p. 54).

As mimetizações perpassam as redes sociais no intuito de criar um simulacro evangélico adequado à moralidade cristã, em vez do que se encontra no meio secular. Assim, as imagens atualmente inseridas no contexto religioso, criam mecanismos simbólicos tanto em potencialidade como em grandeza para imprimirem no indivíduo que consome essas representações, um mundo paralelo daquilo que é o real. O que para Wulf é chamado de *mimésis* da velocidade. “Devido a sua bidimensionalidade e natureza eletrônica e miniaturizada, as imagens estão se tornando cada vez mais parecidas, embora diferentes em seu grau de contexto.” (WULF, 2013, p. 33).

Figura 15 Facegloria



Fonte: (Facegloria, 2008)

Figura 16 Facebook



Fonte: (FACEBOOK, 2004)

O objetivo principal dessas simulações técnicas não é mais corresponder ao modelo pré-existente, mas sim, como observamos na figura 15, de reproduzir e disseminar imagens a todo o instante e com maior velocidade, objetivando a proliferação e o desenvolvimento de redes sociais que contribuam para o surgimento de novas imagens que alimentem a dinâmica das comunidades evangélicas voltadas para os relacionamentos e o entretenimento religioso, com paralelamente um reforço na dinâmica de consumo.

Nesse aspecto imagético, de acordo com Wulf e Baudrillard, as fases sucessivas do processo da imagem, sendo “ela é o reflexo de uma realidade profunda – ela mascara e deforma uma realidade profunda – ela mascara a ausência de realidade profunda – ela não tem relação com qualquer realidade: ela é o seu próprio simulacro puro.”

(BAUDRILLARD, 1991, p. 14), transformando a imagem num simulacro de uma realidade.

Esta hiper-realidade reproduz o imaginário, entretenimento e o produto que se tornaram objeto de desejo dos evangélicos contemporâneos. Ao continuar produzindo e reproduzindo, alimenta-se uma forma de ressuscitar o real que ao mesmo tempo nos escapa, para dar lugar a um simulacro do objeto, uma estética generalizada de simulação.

Figura 17 Show Diante do Trono



Fonte: (Globo, 2016)

Desta forma, nos novos paradigmas de produção de imagem evangélica, as simulações técnicas são profissionalmente desenvolvidas através da utilização de inovações tecnológicas como projeções, luzes, efeitos computadorizados, palcos totemizados, possibilitando simulações de espaços e ambientes que suscitam uma experiência sensorial e emocional, promovendo o espetáculo e o entretenimento para o público evangélico (Figura 17).

Considerações Finais

O foco deste artigo está na primeira parte teórica do texto de Wulf que nos ofereceu um instrumental relevante para a análise e construção de uma proposição que abarque as mudanças paradigmáticas e imagéticas dentro do segmento evangélico.

Apresentaram-se três conceitos de Wulf de *presença mágica*, *representação mimética* e *simulação técnica*, em diálogo com outros teóricos, procurando conduzir a discussão em torno das imagens e imaginários construídos neste cenário, aliadas às dinâmicas de mercado, consumo e entretenimento do público evangélico.

A observação contribui com um aprofundamento teórico capaz de mapear e compreender o uso e as inserções das produções *gospel* dos símbolos, dos imaginários de mercado e da ótica dos “shows” evangélicos não somente como momentos de adoração e culto a Deus, mas como espaços de diversão, voltados a “entreter” o público evangélico cada vez mais interessado nestes espaços.

Torna-se fundamental um aprofundamento no âmbito das origens destes mecanismos de produção visual evangélico, procurando identificar suas imagens e imaginários que antecedem e fundamentam este cenário. Até esse ponto, lidamos em compreender os processos no contexto brasileiro, cabendo voltarmos o olhar junto às raízes do *gospel* estadunidense as similitudes com o modelo evangélico no Brasil.

REFERÊNCIAS

- ADORAÇÃO. **Adoração**, 2016. Disponível em:
<https://www.google.com.br/search?q=adora%C3%A7%C3%A3o&espv=2&biw=1680&bih=881&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwj8opHFpIfLAhXKCPAKHcciAdYQ_AUIBigB>
Acesso em: 20 fev. 2016.
- AUMONT, J. **A imagem**. Campinas: Papirus, 2002.
- BAITELLO, N. **A Era da Iconofagia. Ensaios de comunicação e cultura**. São Paulo: Hacker Editores, 2005.
- BAUDRILLARD, J. **Simulacros e simulação**. Lisboa: Relógio D'água, 1991.
- BRUM, F. **Fernanda Brum**, 2016. Disponível em: <www.fernandabrum.com.br>. Acesso em: 10 jul. 2016.
- COMPUTER History, 2016. Disponível em: <<http://www.computerhistory.org/atcm/happy-20th-birthday-to-the-public-web/>>. Acesso em: 10 fev. 2016.

COMUNHÃO. **Comunhão**, 2016. Disponível em:

<<http://www.comunhao.com.br/index.php/jvv/161-coberturas-jvv/11298-aline-barros-traz-extraordinaria-graca-para-o-jvv-2016>>. Acesso em: 15 fev. 2016.

CULTURA Mix. **Cultura Mix**, 2016. Disponível em:

<<http://musica.culturamix.com/artistas/maiores-idolos-da-musica-gospel>>. Acesso em: 13 fev. 2016.

CUNHA, M. D. N. **A explosão gospel**: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad X: Instituto Mysterium, 2007.

DIANTE do Trono. **Diante do Trono**, 1998. Disponível em:

<<http://www.diantedotrono.com/Discografia/diante-do-trono/>>. Acesso em: 14 fev. 2016.

FACEBOOK. **Facebook**, 2004. Disponível em: <www.facebook.com>. Acesso em: 20 fev. 2008.

FACEGLORIA. **Facegloria**, 2008. Disponível em: <www.facegloria.com>. Acesso em: 22 fev. 2008.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2015.

GIRARD, R. **A violência e o sagrado**. Tradução de Martha Conceição Gambini. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1990.

GLOBO. **Globo.com**, 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2013/04/banda-gospel-diante-do-trono-faz-show-em-belem-neste-sabado.html>>. Acesso em: 23 jan. 2016.

GOSPEL Goods. **Gospel Goods**, 05 fev. 2016. Disponível em:

<<http://www.gospelgoods.com.br/produto/2665/Cd-Varios-Promessas-Adoracao>>.

GOSPEL Pop. **Gospel Pop**, 2016. Disponível em: <<http://gospelpop.com.br/ate-quando-voce-permitira-ser-um-idolo-gospel/>>. Acesso em: 09 fev. 2016.

HYPESCIENCE. **hypescience.com**, 2016. Disponível em: <<http://hypescience.com/veja-as-mais-antigas-pinturas-humanas-com-42-mil-anos-de-idade/>>. Acesso em: 02 fev. 2016.

IGREJA Wesleyana. **Igreja Wesleyana**, 2016. Disponível em: <<http://seeklogo.com/igreja-metodista-wesleyana-logo-70219.html>>. Acesso em: 11 fev. 2016.

KLEIN, A. **Imagens de culto e imagens da mídia**. Interferências midiáticas no cenário religioso. Porto Alegre: Sulina, 2006.

LIBERDADE. **Liberdade**, 2016. Disponível em:

<https://www.google.com.br/search?q=liberdade&espv=2&biw=1680&bih=881&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKewiznZ-kmIfLahWKIJAKHSzaCUcQ_AUIBigB&dpr=1>. Acesso em: 14 fev. 2016.

MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos**. O declínio do individualismo nas sociedades de massa. 2ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Forense Universitária, 1998.

PRINCIPE da Paz. **Diante do Trono**, 2007. Disponível em:

<<http://www.diantedotrono.com/Discografia/principe-da-paz/>>. Acesso em: 14 fev. 2016.

SERROY, G. L. & J. **A estetização do mundo**. Viver na era do capitalismo artista. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SILVA, J. M. D. **As Feias (e os feios) que me desculpem, mas beleza é fundamental**: O uso contemporâneo da imagem e sua influência na mudança dos paradigmas estéticos utilizados na música gospel no Brasil. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010. Dissertação (Mestrado).

TEMPO de Festa. **Diante do Trono**, 2007. Disponível em:

<<http://www.diantedotrono.com/Discografia/tempo-de-festa-10-anos/>>. Acesso em: 10 fev. 2016.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WIKIPÉDIA. **Wikipédia**, 2016. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Cruz>>. Acesso em: 08 fev. 2016.

WULF, C. **Homo Pictor**. Imaginação, ritual e aprendizado mimético no mundo globalizado. Tradução de Vinicius Spricigo. São Paulo: Hedra, 2013.